

MODELOS DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO.

Cleber Archanjo de Souza¹, Kely Hapuque Cunha Fonseca², Luis Fernando Vitorino³, Monica Franchi Carniello⁴

¹Universidade de Taubaté/Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 – Centro – Taubaté, cleber.archanjo@hotmail.com

²Universidade de Taubaté/ Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 – Centro – Taubaté, kely_hapuque@hotmail.com.br

³Universidade de Taubaté/Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 – Centro – Taubaté, fernando.vitorino@ubm.br

⁴Universidade de Taubaté/Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 – Centro – Taubaté, monicafcarniello@gmail.com

Resumo – Acredita-se que no cotidiano acadêmico, ainda ocorre um ensino centrado na figura do professor, o que pressupõe que o mesmo detenha a autonomia do conhecimento e de sua produção. O presente estudo pretende apresentar uma discussão referente a alguns modelos de estratégias de ensino utilizadas em cursos de graduação que utilizam iniciativas diferenciadas na produção de novos saberes por meio da construção coletiva entre docentes e alunos que trazem características da compreensão contemporânea de dinâmicas criadas por estes atores. Quanto ao seu objetivo, a pesquisa é exploratória, com abordagem qualitativa, com delineamento documental e bibliográfico. Os resultados apresentam os modelos de ensino escolástico, francês e alemão como modelos conceituais e tão logo a necessidade de tornar o ensino mais criativo nos dias atuais. Alguns trabalhos recentes abordam estratégias mais criativas para o ensino superior. Concluiu-se que se os alunos puderem participar da construção da aprendizagem, tornar-se-á o ensino de graduação algo mais democrático e participativo, fortalecendo a relação ensino x aprendizagem.

Palavras-chave: estratégias de ensino, graduação, ensino superior, ensino x aprendizagem.

Área do Conhecimento: ciências humanas

Introdução

De acordo com a nova formulação curricular, definida pelo Ministério da Educação e pelo Conselho Nacional de Educação, estes ao desenvolverem os seus currículos, relatam que as Instituições de Ensino Superior (IES) devem incluir competências básicas, conteúdos e estratégias de ensino coerentes com os princípios pedagógicos de identidade, diversidade, autonomia e também princípios de interdisciplinaridade e contextualização, adotados como estruturadores dos cursos de graduação do ensino superior. Neste contexto, referenciando às estratégias de ensino utilizadas, convém salientar a situação de alta vivência dos alunos, no qual alguns autores trabalham como situação de estudo, experimentação mediada por monitores e elaboração de mapas conceituais (MEC, 2010).

As IES devem contemplar em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular,

conteúdos que revelem interrelações com a realidade nacional e internacional, segundo uma perspectiva histórica e contextualizada de sua aplicabilidade no âmbito das organizações e do meio através da utilização de tecnologias inovadoras (MEC, 2010).

Para se pensar na educação do Brasil, seja em escolas públicas ou privadas, a relação ensino-aprendizagem não é suficiente para compreender o papel social da educação. Há que se discutir quanto às medidas para tornar este país mais desenvolvido. Uma importante forma de avaliar o desenvolvimento de um país é pelo seu Índice de Desenvolvimento Humano, conhecido como IDH.

Para medir o IDH, dentre vários critérios avaliados estão o crescimento do PIB – Produto Interno Bruto, educação e expectativa de vida. No ano de 2009, o Brasil esteve na posição de 75º, perdendo para Rússia, México e Chile (ATLAS, 2010).

Diante o exposto, este artigo traz uma contribuição para a discussão da qualidade no ensino, qualidade esta que não se encontra atrelada somente a índices estatísticos, mas também na concepção de buscar compreender de que forma coexiste a relação aluno x professor durante as aulas dos cursos de graduação. É neste ínterim que o presente artigo pretende prosseguir, vez que são necessárias as utilizações de estratégias de ensino.

Materiais e Métodos

A abordagem da presente pesquisa se deu no âmbito qualitativo, desenvolvida com base em pesquisa bibliográfica, documental e revisão de literatura. Quanto aos seus objetivos, apresenta-se num caráter exploratório acerca de reflexões pertinentes aos modelos de estratégias no ensino superior.

Para atingir o objetivo proposto neste trabalho, foi escolhido o método de pesquisa de levantamento bibliográfico. Com base em Marconi e Lakatos (2008), foi feito um mapeamento de documentos já escritos acerca de um “determinado tema” onde foi possível encontrar dados importantes e atuais acerca do que se está sendo pesquisado.

Resultados

Fomenta-se uma reflexão da importância da educação em sua função social, acima de tudo. Tornar cidadãos educados possibilita um patamar de desenvolvimento, investimento em capital social, e tão logo, isto reflete para a preparação no mercado de trabalho. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) traz os direcionamentos de como se divide o ensino no Brasil. De acordo com seu artigo 21º, a educação escolar compõe-se da Educação Básica e Educação Superior. A educação básica é formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (LDB, 2010, p. 8). A lei é clara quanto às peculiaridades de cada nível de educação.

O capítulo V da LDB traz especificamente os apontamentos acerca do Ensino Superior que propiciam um melhor entendimento de como se dão as relações de produção de conhecimento, relações culturais e de incentivo à pesquisa, bem como os relacionamentos do saber e a relação ensino x aprendizagem. (LDB, 2010, p. 16).

Para o alcance de tantos ideais, são necessárias estratégias por parte dos docentes, no intuito de motivar o aluno, instigarem seus desejos de conhecer, saber, aprender e apreender. A palavra estratégia, segundo Ferreira (2009, p. 380) significa “a arte de aplicar os meios

disponíveis ou explorar condições favoráveis com vista a objetivos específicos”. A estratégia tem relação com o planejamento, com as formas de se pensar e planejar algo para alcançar um objetivo. No caso do ensino superior, é necessário que o professor adote algumas estratégias para tornar a relação entre os docentes e os discentes mais criativa, dinâmica e compreensiva. Se o objetivo principal do professor é fazer com o que o aluno aprenda, logo, este deve ser criativo e dinâmico nos espaços dos saberes.

O exercício da docência em cursos de graduação exige não apenas o conhecimento prático ou teórico aprofundado em determinado conteúdo, mas, também torna necessário o preparo didático e pedagógico capazes de dar suporte para a utilização de metodologias eficientes no processo de relação ensino x aprendizagem.

Ao longo da história do ensino superior no Brasil foi possível notar a existência de modelos de ensino que influenciaram de forma determinante a relação entre professor e aluno. Com base no trabalho de Anastasiou (2001), descrevem-se os principais modelos que deixaram marcas na constituição do ensino superior brasileiro.

Modelo Escolástico (Jesuítico)

Afirma Anastasiou (2001) que em um contexto onde o cristianismo estava em grande expansão e visava à propagação da doutrina assegurando o exercício do culto, os jesuítas contavam com referências de escolas de fundo cristão, onde se ministrava um ensino básico desinteressado e destinado a oferecer uma cultura básica geral. Seguidamente, estes alunos eram enviados para “completar a escolarização na metrópole”, na Universidade de Coimbra. (ANASTASIOU, 2001, p. 1). A autora permanece discutindo que a sequência didática das atividades seguiam os seguintes requisitos: “exposição, argumentos a favor, argumentos contra, e solução do professor” (ANASTASIOU, 2001, p. 2).

Este modelo de ensino ficou conhecido como “método escolástico”, que tinha como visão a colocação exata dos temas a serem estudados com conceituações claras e definições, bem como argumentações precisas, em latim. Assim, em várias universidades européias, o método escolástico foi predominante, podendo-se destacar a Universidade de Paris onde surgiu o “*modus parisiensis*” (ANASTASIOU, 2001, p. 2). De acordo com a mesma autora, a base do processo de ensino e aprendizagem, estava na unidade e hierarquia da organização dos estudos, onde o conhecimento era apresentado como algo

imposto, indiscutível, pronto e acabado. Já a memorização funcionava como algo essencial para aprendizagem e, também, como um recurso básico de ensino, fazendo com que o modelo de aula expositiva fosse confundido com uma palestra, seguida de exercícios a serem resolvidos.

Modelo Francês

Após a quebra do pacto colonial entre as nações européias, o Brasil Colônia iniciou suas primeiras escolas isoladas (ANASTASIOU, 2001, p. 4). Essa organização não universitária e profissionalizante visava à formação de burocratas e ficou conhecida como “modelo francês-napoleônico”. A autora destaca sobre a dificuldade de criação de um processo divergente de pensamento em função da unidade impositiva que até os dias atuais apresentam dificuldades em se atualizar.

A língua francesa tinha uma grande importância para os alunos e a criação de colégios femininos baseados no modelo francês tinha como objetivo a formação de esposas de diplomatas. No entanto, a relação professor aluno, continuava centrada no professor que exercia um papel de “mero repassador com a aceitação passiva”, por parte dos alunos, das atividades propostas e a memorização do conteúdo (ANASTASIOU, 2001, p. 5).

Modelo Alemão

Anastasiou (2001) expõe também a influência do modelo alemão, que teve como principal marco, a implantação da pesquisa científica criando uma química altamente desenvolvida. Dentro deste contexto foi desenvolvida uma universidade voltada para construção científica unindo professores e alunos através da pesquisa em centros de estudos sem deixarem os institutos, com vista à formação profissional (ANASTASIOU, 2001, p. 6).

Esse modelo apresentava propostas muito diferentes, se comparadas ao modelo francês, assemelhando-se ao sistema de ensino superior americano.

Para Anastasiou (2001), no Brasil, durante a ditadura militar ocorreu à separação entre pesquisa e ensino, onde o primeiro foi destinado à pós-graduação e o segundo ficou com a responsabilidade de formação profissional remetendo-se ao modelo alemão.

O papel de construção do conhecimento na Universidade ainda não pode ser cumprido na sua plenitude, pois apresenta fortes domínios de

elementos dos modelos escolásticos e franceses (ANASTASIOU, 2001, p.7).

Em pesquisa realizada por Alencar (2004), observou-se que o professor universitário presente na sala de aula ainda tem muito valor na visão dos alunos. A autora afirma em relação ao professor que “[...] este, sem dúvida, é de fundamental importância no processo de ajudar o aluno a desenvolver o seu potencial e adquirir competências desejáveis para a sua realização pessoal e profissional” (ALENCAR, 2004, p. 5).

Ressalta-se que existem outros elementos capazes de contribuir na relação professor x aluno dentro da sala de aula, como “[...] tanto a natureza do conteúdo a ser ministrado quanto o número de alunos em sala, o grau de motivação e esforço dos mesmos, por exemplo, têm influência na dinâmica em sala de aula [...]” (ALENCAR, 2004, p.5).

Medeiros (2003) afirma que “A ação pedagógica deve se constituir num processo em que, mais do que transmitir conhecimentos inertes e prontos para o educando, o educador instrumente-o para que, fora da instituição de ensino e durante as etapas posteriores de seu desenvolvimento, produza novos conhecimentos e habilidades práticas necessários à sua vida em sociedade e para melhorar o ambiente que habita. Para realizar tal tarefa, entretanto, é necessário que primeiro o educador instrumente a si mesmo”. (MEDEIROS, 2003, p. 6).

O autor ainda exemplifica o professor que trabalha com literaturas, afirmando que este ao “elaborar um trabalho sobre estilos de época, poderia permitir aos alunos que o apresentasse de diversas maneiras, como em formas de poesias, prosas, teatro, música, dança, desenho ou escultura, afirmando que estas seriam formas diversas de manifestação, que não somente lingüísticas” (MEDEIROS, 2003, p. 10). Tais possibilidades tornam a relação ensino aprendizagem algo mais participativo, democrático e dinâmico.

Outra pesquisa realizada por Godoy (2000) apontou que por parte dos alunos que procedem a avaliações de ensino dos seus professores de nível superior, estes sugeriram que seria interessante apresentar os dados de avaliação “em discussão aberta com os próprios discentes” (GODOY, 2000, p. 2).

Nota-se, portanto, mais uma vez a necessidade dos alunos em participarem de processos decisórios que os envolvam. Estes alunos entendem que o “controle exercido pela figura do professor torna precários os mecanismos de interação e comunicação entre professor e aluno e muitas vezes as exigências de memorização levam a “cola” (GODOY, 2000, p. 6).

Conforme dados de um trabalho apresentado no ENEQ (2008), afirma-se que “quanto às estratégias de ensino utilizadas, convém salientar a situação de alta vivência dos alunos na qual é denominada de situação de estudo, experimentação mediada por monitores e elaboração de mapas conceituais”.

Os autores do trabalho apresentam como situação de estudo uma situação real e conceitualmente rica, identificada nos contextos da vivência cotidiana dos alunos fora de sala de aula, no contexto do qual eles sejam capazes de produzir novos saberes. Rompe-se, assim, com a linearidade e a fragmentação dos conteúdos disciplinares e há uma contextualização mais significativa para os estudantes. Deseja-se, desta maneira, “um ensino que faça sentido para o acadêmico no presente, e não somente no futuro, ou nunca mais, isto é, um ensino que tenha a ver com a vida cotidiana dos indivíduos, com os fatos e questões do dia-a-dia” (ENEQ, 2008).

Discussão

A informatização, a globalização e a sociedade do conhecimento são alguns fatores que estão pressionando o “*status quo*” dos dias atuais. Sobretudo mudanças profundas de valores e crenças pessoais e culturas marcam a sociedade atual tão logo, influenciando a formação da sociedade do conhecimento. O ambiente educacional brasileiro, não pode ficar à margem destas fundamentais mudanças que estão alterando a história da sociedade mundial. Faz-se necessária uma profunda reorganização de metodologias que promovam um melhor desempenho da produção intangível das comunidades educativas.

Acredita-se que seja um desafio para as IES brasileiras à ampliação de sua atuação deixando de ser apenas “capacitadora” e “treinadora” de mão-de-obra para o mercado de trabalho, sem prejudicar o campo acadêmico em sua possibilidade de êxito profissional e pessoal quando concluir os estudos. Este desafio fica estabelecido a partir da necessidade de ampliação das oportunidades de produção de conhecimento coletivo nos ambientes educacionais.

Para tanto, é necessária a promoção de estratégias de ensino que possibilitem uma maior participação dos acadêmicos por meio de suas habilidades e interesses diversos, que após identificação, tem fundamental papel na construção do conhecimento. Assim, possibilitar-se-ia o exercício da aprendizagem como uma atividade significativa e integrada, onde o incentivo à realização pessoal e profissional estaria

embasado por um contexto criativo e rico em informações e experiências.

A criatividade surge da interação entre os valores intrínsecos do indivíduo, o ambiente físico e cultural que o cerca e os recursos colocados à disposição para a resolução de problemas cotidianos. Segundo Mason, 1998 *apud* (COLOSSI; COSENTINI; QUEIROZ, 2001, p. 55), as tendências ou correntes ligadas ao ensino superior são grandemente influenciadas pela importância da interatividade no processo de aprendizagem. Para este autor, há uma transformação do professor “sábio” em “guia”, gerando a necessidade de desenvolvimento de habilidades ou competências para a gestão do conhecimento e para o trabalho em grupo, o que propicia uma aprendizagem colaborativa.

Desta maneira, há uma interação efetiva entre acadêmicos e professores que possibilita e estimula a existência de um ambiente onde não há a figura do receptor passivo de informações, mas, sim, de possíveis agentes com iniciativas para solucionar problemas e propor alterações na programação da disciplina a partir de suas culturas pessoais e coletivas. Sendo assim contextualizar é uma estratégia fundamental para construção de significações.

É preciso dominar outras tecnologias de aprendizagem, como por exemplo, as atividades de pesquisa, debates, estudos de caso, exercícios simulados de prática empresarial, dentre outros. Acredita-se que um dos grandes desafios dos professores envolvidos com a prática do ensino, reside em dificuldades para o desenvolvimento de habilidades conceituais, técnicas e humanas básicas necessárias ao desempenho profissional.

Uma educação eficaz é sempre um processo de influência por integração e autocontrole, diferenciada por uma aquisição do conhecimento intelectual, de habilidades manuais, transformando-as em solução de problemas, resultando em interação social. Para tanto, são necessários técnicas e métodos distintos para atingir o aprendizado efetivo.

Uma das barreiras educacionais pode estar no próprio entendimento do processo ensino x aprendizagem, pois conceber um processo de trabalho que tem por objetivo produzir um produto tangível é relativamente fácil, porém, desta forma, permaneceriam as reflexões do que vem a ser os alunos, o ensino, a escola, a biblioteca e o professor.

Para Medeiros (2003, p. 9), “A escola hoje no Brasil, especialmente o nível superior de ensino, enfrenta um desafio: libertar-se de uma tendência iniciada ainda com o governo militar”. O autor afirma que é possível ultrapassar esta visão conservadora de maneira se reduza “o papel de

simples treinadora de mão-de-obra para o mercado de trabalho, sem subtrair do aluno a possibilidade de êxito profissional e pessoal quando concluir seus estudos” (MEDEIROS, 2003, p. 9).

Conclusão

Pode-se afirmar que o papel do aluno se modifica, passando a ser um construtor ativo do conhecimento. Ainda nota-se a permanência de elementos do ensino jesuítico em pleno século XXI. Percebe-se nas aulas dos cursos de graduação no contexto educacional do ensino superior brasileiro, um foco na transmissão de conhecimentos em detrimento da promoção de atividades que estimulem mudanças de atitudes nas relações ensino x aprendizagem.

Este é um caminho que é percorrido pelo acadêmico desde a educação básica, onde a função do aluno é aprender e, para tanto, o resultado dependerá diretamente da atuação do professor. Acredita-se que, com a freqüente reprodução deste modelo, que os currículos e estratégias de ensino são competentes para produzir as transformações que as demandas da sociedade atual exigem, basta, para tanto, a atualização da produção editorial sobre os diferentes assuntos.

A educação no Brasil tem sido um desafio atual tanto para alunos quanto para professores que se propõem a contribuir para este processo. A relação ensino x aprendizagem vivida por estes atores sociais torna o ambiente de produção de conhecimentos contraditório.

Brandão (2010) afirma que “os seres humanos não se educam para serem adestrados” e é a partir da sua afirmação, que o mercado de trabalho tem exigido estes “adestramentos” dos alunos para que se tornem aptos para a concorrência do capitalismo. Nesta dinâmica, o autor permanece discutindo que “cada vez mais a escola tem sido levada a adequar-se as exigências do mundo de hoje” (BRANDÃO, 2010, p. 17).

Nóvoa (2010) afirma que é “na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”. Sob tal óptica é possível compreender que as relações interpessoais vividas no cotidiano escolar contribuem para a formação do ser humano. O autor faz referência a uma possível “comunidade da prática” (NÓVOA, 2010, p. 9) que seria uma espécie de trabalho em equipe tanto entre os alunos, quanto entre os professores e principalmente entre alunos e professores, estabelecendo uma relação de troca de conhecimentos.

A partir de estratégias criativas de ensino e aprendizagem elencadas coletivamente como as apresentadas nos resultados desta pesquisa, espera-se um ensino superior capaz de estimular aprendizados significativos para a vida e o trabalho, podendo promover competências e habilidades capazes de dar suporte para a percepção e interpretação da realidade e a possibilidade de alterá-la, com base em conhecimentos construídos em um contexto diversificado.

A possibilidade dos acadêmicos dos cursos de ensino superior participar da construção de seu processo de aprendizagem de forma significativa, a partir de suas habilidades e cultura pessoal, tendo o professor como um articulador, mediador e elemento de apoio, poderá torná-lo não somente um reproduzidor de metodologias, mas, sim, em um possível empreendedor de novas realidades em seu campo de atuação profissional, qual seja ele.

São muitas as experiências no entorno dos indivíduos que poderão identificar e acrescentar à sua aprendizagem, os processos dinâmicos envolvidos no cotidiano de diferentes áreas de saberes, mas que também poderão possibilitar a apreensão contextualizada de conhecimentos que darão suporte a uma formação acadêmica mais competente e tangível.

Para tanto, também se faz necessária uma transformação nas políticas de formação pedagógica do professor universitário, mudando-se o conceito de que ensinar significa ministrar grandes aulas expositivas sobre determinado assunto.

Os limites do professor universitário vão além do conhecimento específico e aprofundado de determinado assunto. É fundamental o seu preparo para ser um estimulador e construtor de oportunidades para os acadêmicos a partir do conhecimento, habilidade e cultura do grupo a que está inserido.

Referências

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior.

Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 17, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 30 mai. 2010.

ANASTASIOU, L.G.C. **Metodologia de ensino na universidade brasileira: elementos de uma trajetória**. In: Temas e Textos da Educação Superior, Campinas, Ed. Papyrus, 2001. Disponível em:

http://naeg.prg.usp.br/gap/textos_abril/Texto%20m

odelos%20hist%20papyrus.pdf> Acesso em: 15
mai. 2010.

ATLAS. Atlas do Desenvolvimento Humano no
Brasil. **Base de Dados IDH**. Disponível em:
<[http://www.fjp.gov.br/produtos/cees/idh/atlas_idh.
php](http://www.fjp.gov.br/produtos/cees/idh/atlas_idh.php)> Acesso em: 18 Mai. 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educar para
transformar. **Pátio Ensino Médio**. Porto Alegre, v.
1, n. 3, p. 17-19, dez/2009/fev/2010.

COLOSSI, N; CONSENTINO, A; QUEIROZ, E. G.
de. **Mudanças no Contexto do ensino superior
no Brasil: uma tendência ao ensino
colaborativo**. Rev. FAE, Curitiba. V.4, n.1, p.49-
58, jan/abr. 2001

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE
QUÍMICA (ENEQ) DA UFPR, 14. , 2008, Paraná.
Anais Eletrônicos... Paraná: UFPR, 2008.
Disponível em:
<[http://www.quimica.ufpr.br/eduquim/eneq2008/res
umos/R0429-2.pdf](http://www.quimica.ufpr.br/eduquim/eneq2008/resumos/R0429-2.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.
Minidicionário da Língua Portuguesa. 7.ed.
Curitiba: Positivo, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Avaliação da
aprendizagem no ensino superior: um estudo
exploratório a partir das opiniões dos alunos do
primeiro e do último ano de três cursos de
graduação. **Administração On line**, CIDADE, v.
1, n. 1, jan/fev/mar/2000. Disponível em:
<http://www.fecap.br/adm_online/art11/arilda.htm>
Acesso em: 3 mai. 2010.

MARCONI, M. A e LAKATOS, E. M. **Técnicas de
pesquisa: planejamento e execução de
pesquisas, amostragens e técnicas de
pesquisa, elaboração, análise e interpretação
de dados**. São Paulo: ATLAS, 2008.

MEC. Ministério da Educação e Cultura. **Base de
Dados MEC**. Disponível em: <
<http://portal.mec.gov.br/index.php>> Acesso em 18
Mai. 2010.

MEDEIROS, Adriano Lelis de. **Metodologia do
Ensino Superior**. Lavras: Universidade Federal
de Lavras, 2003. Disponível em: 29 mai. 2010.
Acesso em:
<[http://www.iacat.com/Revista/recreate/Indexe07.h
tm](http://www.iacat.com/Revista/recreate/Indexe07.htm)>

NÓVOA, Antônio. Formando professores para os
novos tempos. **Pátio Ensino Médio**. Porto Alegre,
v.1, n. 3, p. 9-11, dez/2009/fev/2010.